

Escritórios, trunfo para bons negócios

por J. P. Martinez

Em relação a outras áreas dentro de qualquer organização, o escritório praticamente ficou estagnado no tempo, nele é possível encontrar os mesmos instrumentos de trabalho existentes há 20 ou 30 anos. As pessoas ainda utilizam máquinas de escrever comuns, arquivos manuais, blocos para anotações. O resultado é que os seus custos relativos cresceram muito, obrigando os administradores a buscar meios para reduzi-los. Admite-se que tal situação terá reflexos positivos no mercado de produtos e serviços para escritórios. E é a principal variável com que contam os fornecedores de máquinas de escrever, copiadoras, computadores eletrônicos, programas e consultoria entre outros, para serem relativamente otimistas em relação ao futuro.

Atualmente, a maior faixa de negócios no ramo de escritórios é representada pela indústria de equipamentos de computação eletrônica (processadores, periféricos, equipamentos de transmissão de dados). As empresas envolvidas nestas atividades cresceram a níveis altíssimos nos últimos tempos (20 a 30% ao ano, em termos reais) beneficiadas por uma série de fatores favoráveis. O mais importante foi a política do governo federal, baseada na reserva de mercado a empresas nacionais, que possi-



Antônio Barroso Júnior

(Continua na página seguinte)

Escritórios, trunfo para...

por J. P. Martinez

(Continuação da página anterior)

bilitou a fabricação, no País, de muitos produtos antes importados. Outro dado importante foi a queda relativa dos preços dos produtos, que deixou os equipamentos acessíveis a um maior número de usuários. Além disso, o rígido controle das importações praticado para amenizar o problema do balanço de pagamentos, desde o primeiro choque do petróleo, criou uma demanda reprimida que acabou tendo de ser atendida de alguma forma.

A euforia que marcou o desenvolvimento do setor nos últimos anos começa, no entanto, a mostrar visíveis sinais de arrefecimento, com exceção do segmento dos minicomputadores. No caso dos fabricantes estrangeiros, alguns com fábricas no País, a impaciência é com a política do governo que os alijou das faixas de mercado mais promissoras, as dos equipamentos de pequeno e médio porte. As empresas nacionais, de seu lado, que têm nos fabricantes de minicomputadores uma espécie de linha de frente, enfrentam dois dilemas sérios, segundo lembra Ernst Muhr, professor da FGV e diretor da Labo Eletrônica, de São Paulo. "O primeiro é uma capitalização insuficiente, difícil de ser equacionada devido à atual situação da economia brasileira e ao estado de espírito dos investidores, que já aplicaram muitos recursos no setor sem nenhum retorno. Além disso, as empresas estão com dificuldades para definir uma nova geração de produtos em condições de fornecer uma alternativa aos atuais clientes e avançar numa nova faixa de mercado."

O mercado de serviços de computação no Brasil tem, no entanto, crescido de forma desordenada, o que faz com que as poucas medidas tomadas pelo governo para apoiá-lo tornem-se inócuas. O caso típico é o da prioridade dada a empresas nacionais na compra de programas e serviços técnicos de computação, estabelecida no ato normático 23, da Secretaria Especial de Informática (SEI), que não vem sendo seguida nem pelas firmas estatais, nem pela administração direta. Agora, por exemplo, o hospital da Força Aérea do Galeão está dando preferência, nos serviços de informações médicas integradas, a um produto importado pela IBM, o "Patient Care System" (PCS), quando existem pelo menos dois produtos nacionais similares, da Biodata, do Rio de Janeiro, e da CMA, de São Paulo. Outro problema do setor é a concorrência dos grandes usuários estatais e privados que disputam o mercado de forma predatória com firmas criadas exclusivamente para atuar na prestação de serviços.

A preocupação em aumentar a produtividade nos escritórios também afeta atividades tradicionais como a fabricação de móveis. Milly Teperman, diretor técnico

da Móveis Teperman S/A, de São Paulo, e da Associação dos Fabricantes de Móveis (Afam), lembra que nela está implícito uso de novas ferramentas de trabalho, como os computadores. As empresas, aos poucos, também se vão conscientizando de que os investimentos para melhorar as condições ambientais de trabalho (muitos deles baseados no uso de móveis com melhor "design") rendem dividendos. Além disso, a indústria moveleira joga com o trunfo de ter um mercado muito diversificado, contando, para ter uma posição relativamente estável, com uma demanda residencial sempre existente, à qual se soma a demanda institucional (empresas, escolas, hospitais, tribunais, repartições públicas, entre outras).